

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA
E ANÁLISE EXISTENCIAL**

ELLEN MAYRA PEIXOTO

**O DESAPARECIMENTO DE SI NO EXISTIR HUMANO: ALZHEIMER E PAIXÃO
AMOROSA**

**BELO HORIZONTE
2020**

Ellen Mayra Peixoto

**O DESAPARECIMENTO DE SI NO EXISTIR HUMANO: ALZHEIMER E PAIXÃO
AMOROSA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Madalena Magnabosco.

Área de concentração: Psicologia Clínica
Fenomenológico-Existencial.

**BELO HORIZONTE
2020**

150
P379d
2020

Peixoto, Ellen Mayra.

O desaparecimento de si no existir humano [recurso eletrônico]: Alzheimer e paixão amorosa / Ellen Mayra Peixoto. - 2020.

1 recurso online (36 f.) : pdf

Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.

Coorientador: José Paulo Giovanetti.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Existencialismo. 2. Alzheimer, Doença de. 3. Amor.
I. Magnabosco, Maria Madalena . II. Giovanetti, José Paulo.
III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS FACULDADE DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:
GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

O DESAPARECIMENTO DE SI NO EXISTIR HUMANO: ALZHEIMER E PAIXÃO AMOROSA
ELLEN MAYRA PEIXOTO

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e oito de outubro de 2020**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora
FAFICH/UFMG

José Paulo Giovanetti
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 21 de março de 2022.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves
Evangelista Subcoordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 21/03/2022, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Professor do Magistério Superior**, em 21/03/2022, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1321467** e o código CRC **9C58326F**.

*À Zilda, pela presença e amorosidade infinita.
Imensurável a saudade de ti.*

AGRADECIMENTOS

Ao Ser iluminado que me proporciona a vida e o ser.

À minha mãe pelo companheirismo, motivação e incentivo em todas as minhas causas e sonhos: obrigada pela vida e por todo o amor incondicional.

Ao meu pai pela existência, apoio e por todo carinho único e singular.

À Gra, Irmã, Ary, Joice, Tha, Kelly, Lu e Thatha pelos momentos de descontração, amizade, compreensão de minha ausência recente, interesse pelo meu projeto e apoio de sempre.

À tia Maria, ao tio João e à tia Gilda pela disposição em me auxiliar no que foi preciso. Sei que posso incessantemente contar com vocês.

Aos professores do curso desta especialização, pelas experiências e reflexões ofertadas. Muitas construções e desconstruções foram realizadas que promoveram o meu crescimento profissional e principalmente pessoal.

Agradeço em especial a Prof^ª. Dr^ª. Maria Madelena Magnabosco por ter captado o desejo da minha pesquisa antes mesmo que eu conseguisse verbalizar com palavras, pelas contribuições em minha formação e orientações neste presente trabalho. E ao Prof. Dr. José Paulo Giovanetti por ter clareado o caminho desta pesquisa.

“Uma arte

*A arte de perder não é nenhum mistério;
tantas coisas contêm em si o acidente
de perdê-las, que perder não é nada sério.*

*Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero,
a chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Depois perca mais rápido, com mais critério:
lugares, nomes, a escala subsequente
da viagem não feita. Nada disso é sério.*

*Perdi o relógio de mamãe. Ah! e nem quero
lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Perdi duas cidades lindas. E um império
que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.*

*- Mesmo perder você (a voz, o ar etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escreve!) muito sério.”*

(Elizabeth Bishop)

RESUMO

O ser humano tem buscado, cada vez mais, fugas para não se haver consigo mesmo. Vários são os mecanismos desenvolvidos para desaparecer de si. Este estudo tem o objetivo de entender e refletir sobre o fenômeno do desaparecer do existir humano, as diversas formas que se apresenta e qual seu propósito à luz da abordagem Fenomenológico-Existencial. Uma das possibilidades do desaparecer de si acontece nos casos de Alzheimer e na vivência da Paixão Amorosa. Fazendo o uso constante deste fenômeno, uma das consequências é o adoecimento do sujeito. Adoecendo, este pode chegar até ao psicólogo. A pergunta básica é como a Psicologia se envolve e quais recursos obtêm para compreender e atuar frente ao fenômeno do desaparecimento de si? O desaparecer de si pode se apresentar como sendo um descanso de si mesmo, um período de folga de si para novamente se projetar no mundo. No Alzheimer existem algumas atitudes do sujeito, dos familiares e ou dos cuidadores que podem retardar este desaparecer de si e este retardamento é possível se a doença for identificada no início e se houver a presença de um psicólogo frente a este público. Com o passar do tempo, a própria pessoa adoentada não se lembra nem do sofrimento e nem de si. Em muitos casos quem é afetado psicologicamente pelos prejuízos causados pela doença de Alzheimer começa a se anular, esquecer de si, dos próprios cuidadores e/ou familiares. Diferente do Alzheimer, em que há perda de neurônios, a paixão amorosa pode ser entendida como não fazendo parte deste desaparecer de si através da abordagem Daseinsanálise por se tratar da dimensão afetiva do sujeito onde o ser-aí é constituído por esta dimensão. As experiências do sujeito estão banhadas pela dimensão afetiva, a qual o constitui e não é possível esquecer-se dela. Acontecimentos que geram mudanças significativas nesta esfera da dimensão afetiva podem impactar a pessoa a níveis da perda de dar sentido àquela experiência. O psicólogo, tanto no desaparecer de si no Alzheimer como na paixão amorosa, terá como meios de trabalho, nestes cenários, o acolher, o encontro com o outro e a aceitação da posição que o cliente se apresenta. Seu objetivo é identificar os possíveis motivos do desaparecer de si e validar a experiência do sujeito com perdas de memória relativas aos familiares e a si mesmo. Quando o sujeito não tem vínculos com outras pessoas para que possa dizer sobre seu sofrimento, uma das possibilidades é o desaparecer de si. O próprio psicólogo deve entender o seu esquecer de si para poder compreender e cuidar do outro que está passando por algum sofrimento desta natureza. A metodologia utilizada foi a bibliográfica, fonte que possibilitou maior conhecimento sobre o tema.

Palavras-chaves: desaparecer, Fenomenológico-Existencial, Alzheimer e paixão.

ABSTRACT

The human being has increasingly tried to find ways to not have to deal with himself. Many are the mechanisms to run away from himself. This study has the objective of understanding and reflecting upon the phenomenon of the disappearance of the being. the various ways in which it can be seen and what its purpose is according to the phenomenological-existential approach. One of the possibilities of disappearing of oneself occurs in cases of Alzheimer and in infatuation. Among the consequences of these phenomena is the subject's illness, and when falling ill, one can get to see a psychologist. The basic question is 'how does psychology approach this topic and which resources does it have to understand and act in relation to the self-disappearing phenomenon?' The disappearance from oneself can be presented as a way for some break from one's self, a period of rest from a person's own self. In Alzheimer, there are some attitudes taken by the subject, the Family members or caretakers that can slow the process and make it possible if the disease is identified early on and with the assistance of a psychologist. As time passes the ill person does not recall his suffering, neither himself. In many cases, the one that is psychologically affected by the Alzheimer's disease starts to become aloof, to forget about himself and his own Family. Different from the Alzheimer, in which there is loss of neurons, the infatuation can be interpreted as not being part of vanishing from oneself by the Daseinanalysis for having to do with the emotional dimension of the subject, which composes the 'Being-in-the-world'. The person's experiences are drenched in emotion, which are part of the subject and which he can not forget about. Situations that cause significant changes can impact the person in a way to disable her to give meaning to an experience. The psychologist, in the disappearance of the self as well as in passion, will have to welcome the other with total acceptance of the position the person finds herself in. The therapist's goal is to identify the possible ways of vanishing from oneself and validate the subject's experience with regard to loss of memory of the Family members and himself. When a person does not have any relationships with others with whom she could share her suffering, one of the possibilities is disappearing from herself. The psychologist must understand her forgetfulness-about-herself in order to properly care for the one who is going through any suffering of this nature. The bibliographical methodology was used for this work.

Key words: disappear, phenomenological-existential, Alzheimer, passion

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 O que é o existir humano?.....	12
2.2 Desaparecimento de si.....	15
2.3 Alzheimer como o desaparecimento da existência.....	21
2.4 Paixão, o esquecimento de si mesmo.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Um dos mecanismos que o ser humano tem para dar conta de sua existência é o fenômeno do desaparecer de si. O intuito desta pesquisa é entender o desaparecimento de si no existir humano, como ele se apresenta e qual o propósito deste desaparecer, dando destaque às vivências do Alzheimer e na Paixão Amorosa. Este desaparecimento é o momento em que o sujeito diz esquecer-se de si, da famosa fala “me deu um branco” onde se perde instantes de sua existência. Seria como tirar férias de si mesmo. Na contemporaneidade as pessoas têm utilizado cada vez mais este recurso através do uso excessivo da internet, filmes, entre outros, como possibilidade de descanso e de não se haver com o seu ser sendo.

Com a tecnologia muitos momentos de vivências não são percebidos pela consciência e o si não se presentifica. Vemos a tela do celular e os usuários do aparelho se tornarem um só. O esquecer de si é um dos melhores mecanismos que o homem elaborou para não se haver, de certa forma, com algum sofrimento, dificuldade ou até mesmo com o presentificar de sua existência onde há períodos que são insuportáveis para a consciência e uma elaboração significativa.

O que se apresenta na atualidade é um excesso deste esquecer-se de si. Constantemente fazendo uso deste fenômeno o sujeito começa a distanciar do social e de si mesmo, promovendo assim o seu adoecimento. É preciso entender este sujeito em seu meio sociocultural para esclarecer, fundamentalmente, o uso cada vez mais presente deste desaparecimento de si.

São estas pessoas que chegam aos profissionais da psicologia buscando entendimento desta fuga de si. Este adoecimento pode expressar-se tanto em natureza psicológica quanto fisicamente. Abarcar o conhecimento deste fenômeno do ser humano é importante para contribuir com sujeitos que estejam passando pela experiência do desaparecimento de si com situação de sofrimento e/ou adoecimento psíquico. O psicólogo sendo um ser que também apresenta o desaparecimento de si, deve entender esta manifestação para poder abranger e auxiliar o desaparecer do outro que chega em busca de ajuda.

Nesta monografia será refletido como a psicologia se envolve, quais recursos obtêm para compreender, atuar e contribuir frente ao fenômeno do desaparecimento de si, auxiliandoos sujeitos que estão passando por prejuízos, danos ou sofrimentos desta natureza existencial especificamente na vivência de Alzheimer e Paixão Amorosa. Esta investigação terá como objetivo identificar e compreender os diversos mecanismos do ser humano para o desaparecer de si vigente, analisar esta temática do desaparecimento de si frente às pessoas que têm

Alzheimer e na vivência da Paixão Amorosa e reconhecer o desaparecimento de si como uma vivência dos clientes na área psicológica.

A psicologia busca entender o desaparecimento de si no ser humano em cada sujeito, no ambiente onde está inserido, na cultura deste, e pela escuta buscar compreender como é esta vivência para ele. O desaparecimento de si pode se tornar prejudicial ao ser humano quando este traz sofrimento ou uma anulação total de si.

Este estudo será realizado através da perspectiva da psicologia Fenomenológico-Existencial. A pesquisa bibliográfica escolhida foi a que permitiu um maior conhecimento sobre o fenômeno do desaparecimento do existir humano, com ênfase nas experiências de Alzheimer e Paixão Amorosa neste contexto. Foram selecionados artigos científicos, livros e sites sobre este tema escolhido, na tentativa de responder ao objetivo deste estudo.

A monografia está constituída por tópicos, onde serão trabalhados os temas principais do objetivo deste estudo, sendo eles: referencial teórico do conceito de existência, o desaparecer de si, o Alzheimer e a Paixão. É o que veremos a seguir.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desaparecimento de si sempre existiu em diversas formas. Ele é um mecanismo que o sujeito tem para deixar para depois algumas situações a serem pensadas e/ou resolvidas. O problema que se apresenta é a frequência e o excesso do desaparecer de si. Esta problemática pode trazer sofrimento, doenças patológicas, um apagamento do seu existir humano. Na contemporaneidade, com o uso cada vez mais recorrente da tecnologia, o desaparecimento de si se faz mais comum. O trabalho presente busca entender esta temática do desaparecimento de si, com o viés nos âmbitos Alzheimer e esquecimento de si na Paixão Amorosa para novos entendimentos sobre este fenômeno e possíveis contribuições para este público. Este conteúdo será fundamentado através da abordagem Fenomenológico-Existencial.

A fenomenologia busca compreender a essência das coisas, das formas, dos fenômenos que se manifestam a consciência. Fenômeno é conhecido por esta abordagem como sendo tudo que aparece, mostra-se e apresenta-se a consciência (GIOVANETTI, 2018). Neste caso, o fenômeno do desaparecimento de si será entendido e descrito como ele se apresenta à consciência, qual é o significado, o sentido que o desaparecimento de si possui. A fenomenologia está em busca da essência, do sentido das coisas e não o fato em si.

Husserl, fundador da abordagem fenomenológica, entende a consciência como sendo intencional, um objeto só se torna real a partir de uma consciência, pela intencionalidade desta sobre o objeto que captou pelos níveis cognitivos. Heidegger vai além da consciência intencional, trazendo como contribuição o Dasein que é o modo de ser do homem que revela o ser, como algo é e como é, dando origem assim a fenomenologia-existencial. Para ele a consciência não é dada somente pela intencionalidade de processos mentais, mas um modo de ser do homem que possibilita que esta consciência intencional se manifeste (ROEHE, 2006).

Nesta perspectiva o sujeito compreende aquilo que não é Dasein, assim como percebe a si mesmo, afetando e sendo afetado pelas formas entendidas pela sua consciência e pela sua percepção de quem si é (ROEHE, 2006). Pela abordagem fenomenológico-existencial será entendido o fenômeno do desaparecer de si com o intuito de pensar este modo de ser deste humano que se manifesta, deste desligamento de si, apagamento ou afastamento da consciência de si mesmo.

2.1 O que é o existir humano?

O existir humano é constituído pelas suas construções no ser-no-mundo e são infinitas as possibilidades para a versão de si que se apresenta. Ele está sempre se atualizando devido às inter-relações existentes entre o ser e o mundo. As atualizações acontecem devido aos contextos, encontros, pensamentos, interpretações sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. O desaparecer de si é um fenômeno do ser humano que é fundado através de contextos que se interligam para que este aconteça. Alguns possíveis caminhos que o existir humano percorre para se chegar e compreender o desaparecer de si, que serão abordados, são os estados de ânimo e humor, a corporeidade, autenticidade e o uso exacerbado da tecnologia.

O estado de ânimo é uma modalidade afetiva em que as pessoas sentem os mais diversos afetos que direcionam avaliações sobre as coisas e seus comportamentos. Os estados de ânimo estão presentes na visão de mundo, de pessoa e sobre si mesmos. Eles se mantêm por pelo menos algumas horas, com tendência a estar em consonância com a situação vivencial conforme o valor e peso dos acontecimentos (ROMERO, 2016). O estado de humor é o clima afetivo que predomina no campo do sujeito. Quando o sujeito está deprimido, o mundo fica cinza e perde a luminosidade. Assim, quando o ser humano se sente alegre, vê o mundo como tranquilo, aberto e propício para novas possibilidades. Em casos mais graves de depressão, a pessoa

visualiza dificuldades nas mais variadas atividades do cotidiano, sente-se desmotivada e enxergando as coisas no modo negativo.

O ambiente e as circunstâncias contribuem para a predominância de determinados estados de ânimo, alguns destes fatores fortalecem o bem-estar, autoestima e autoconfiança como ao inverso também, estresse, tristeza e entre outros. Em cada pessoa predomina e tem uma disposição afetiva para os diferentes estados de ânimo (ROMERO, 2016). Os estados de ânimo e de humor são as formas como o sujeito percebe e vivencia sua existência no mundo. Desta forma, havendo uma cristalização em um dos estados de ânimo e/ou de humor no ser humano, um dos prováveis acontecimentos é o adoecimento de si, que por sua vez um querer desligar de si pode se fazer presente.

Os estados de ânimo e de humor são a base para que o sujeito tenha posicionamentos autênticos. Coelho Júnior (2018), apresenta que nem todo posicionamento pessoal e livre acontece através de uma autenticidade, ele pode advir de crenças estabelecidas pelo social e ou modelos pré-fabricados. A ideia de autenticidade na atualidade tem sido entendida por ações que perpassam sensações e desejos que o sujeito está vivenciando naquele momento, desconsiderando aspectos do funcionamento psíquico do indivíduo que envolve as escolhas deste. É necessário um olhar fenomenológico sobre a autenticidade para se chegar às coisas mesmas, ao mais profundo deste fenômeno. Dar-se conta de sua existência para seguir sobre ela de forma autêntica.

A autenticidade deve ser entendida pelo viés moral e ético. Isso significa que ela é um posicionamento existencial que permeia valores que foram aprendidos e comungados pela pessoa ao longo de suas vivências. Segundo Coelho Júnior (2018), em termos filosóficos a autenticidade é permeada por aspectos de estilos de vida onde a ação do sujeito é congruente com o que ele está vivenciando em seu interior.

Autenticidade está ligada ao princípio da vontade, do querer da pessoa para ter determinados posicionamentos. Há processos que mobilizam a liberdade e a vontade que são fundadas por estruturas do sujeito. O sentimento é um dos possíveis direcionadores de ações, tende a uma direção que não coincide em muitos casos com o querer do ser humano. A ação da vontade então pode advir de uma posição pessoal e características anímicas próprias. O posicionamento é orientado por padrões culturais e/ou por impulsos dos sentimentos, mas também pode ser marcada pela personalidade da pessoa, de características pessoais próprias (COELHO JÚNIOR, 2018).

Posições voluntárias nem sempre são autênticas, elas podem estar vinculadas a aspectos exteriores como a cultura e ao ambiente, que não correspondem aos valores da pessoa. Quando

o sujeito é movido por sua vontade, onde são considerados fatores do seu próprio núcleo, ocorre a posição voluntária autêntica. Mesmo que aconteça a interferência do ambiente externo, Coelho Júnior (2018) argumenta que o posicionamento voluntário autêntico existe quando estas interferências são acolhidas e a uma elaboração da experiência sendo considerada pelo critério do núcleo deste ser humano. A perspectiva da autenticidade deve ser vista em um contexto relacional. A autenticidade acontece no âmbito pessoal interno de cada pessoa e no ambiente onde se expressa, ocorrendo assim o reconhecimento do outro sobre a sua autenticidade e afetando-a.

Coelho Júnior (2018), reflete que práticas de atividades físicas produzem efeitos de uma vida mais autêntica, facilidade de abertura para o outro, para com o mundo, melhoram a consciência de si, de suas próprias vivências e o fortalecimento da capacidade do posicionamento frente desafios do passado e do presente.

O sujeito autêntico busca o conhecimento de si, vivendo de forma mais correspondente ao seu ser sem distanciar de sua essência. O que temos na atualidade são as mais diversas formas de distanciar de si, estar em um lugar que não existe, que não ocorre compreensões, interpretações, elaborações do seu momento vivido. A tecnologia tem sido utilizada para chegar-se a este desaparecer de si, mesmo que seja por alguns instantes.

A tecnologia penetra o individualismo onde impulsiona os indivíduos a atitudes originais, havendo assim rupturas com costumes, tradições e laços humanos. Sem dúvida, existem discussões que irão ser a favor e contra a sociedade da tecnologia e atitudes antitradicionalistas (COELHO JÚNIOR, 2018). Elas têm intermediado a relação entre as pessoas. Têm facilitado a comunicação, transações de compra e de venda. A tecnologia se tornou tão essencial na vida cotidiana do ser humano principalmente neste cenário capitalista.

O que é da natureza humana, que sempre existiu como a comunicação face a face, compreensões do contato com o outro, o olhar presencial, a escuta sem a intermediação tecnológica tem afastado cada vez mais o ser humano daquilo que lhe é mais próprio do seu ser que é o ser para o outro ser. Falta de ser com o outro no mundo. Há uma supervalorização do capital financeiro e facilidade para conquistar este através de esforços que muitas vezes exigem investimento de tempo. Não há mais tempo para o que é fundamental ao ser, ou quando existe é deixando para segundo ou terceiro plano. Quando não é percebida esta falta de investimento para com aquilo que é fundamental ao ser, um dos caminhos que se apresenta é o desaparecimento de si, a falta de si, do que é mais humano do ser humano.

Outro excesso de valorização do ser humano na atualidade é os cuidados extremistas em relação ao corpo. Com a modernidade, o corpo passou a ser o centro de expressão da

originalidade do ser, na busca da ideia de perfeição. Na época atual, têm se cultivado as sensações e não os sentimentos. A felicidade tem sido compreendida como ser semelhante corporalmente aos modelos que a mídia apresenta (COELHO JÚNIOR, 2018).

A priorização do corpo nos tempos atuais tem gerado dois tipos de pensamento, os que entendem que o indivíduo está deixando de lado os aspectos da vida afetiva e espiritual gerando assim certa desconfiança ética devido ao investimento intenso sobre o seu próprio corpo. Há, também, como reflete Coelho Júnior (2018), a ideia de cuidar do corpo como uma preocupação ética consigo mesmo, desejar modelos de viver que geram uma vida mais saudável e melhor, propagando assim no meio cultural este tipo de pensamento para as demais pessoas. O corpo passa a ser o processo de subjetivação, o que a pessoa é e o que deve ser é definido por características físicas, trazendo identificação e dizendo sobre aquele sujeito.

A excessividade em dado aspecto da vida pode contribuir com complicações inúmeras para o existir humano consciente, existente. A vivência enquanto corpo matéria física pode apresentar-se o esquecimento do seu existir humano enquanto ser de existência. Estes foram alguns pontos que fazem parte do existir humano e que de forma direta ou indiretamente influenciam e estão inter-relacionados ao fenômeno do desaparecimento de si. Será citado adiante o aprofundamento do fenômeno do desaparecer de si no existir humano.

2.2 Desaparecimento de si

As dimensões que dão característica à existência humana são interligadas, influenciando uma a outra. A que mais se destaca nesta influência é a dimensão afetiva por se tratar da área de sentimentos do sujeito, onde tudo que ele vive e sente, sua compreensão sobre o mundo, sobre si e sobre a sua história de vida se dá pela via da afetividade. Sem esta dimensão não seria possível, salienta Romero (2016), a subjetividade, pois é através da dimensão afetiva que o homem realiza a ressonância subjetiva, compreende e dá sentido a si, sua história de vida e sobre o mundo. Por ela que as vivências e as experiências têm suas marcar de alegria e tristeza. Se não fosse pela dimensão afetiva o ser humano seria como uma máquina, programada para realizar determinada função.

É por meio do senso-percepção que o sujeito orienta-se e situa-se, capturando as informações, dados e signos. Adquirem-se conhecimentos básicos que permitem atuar no campo possível, onde cada homem é afetado em graus variáveis por estes conhecimentos

obtidos, configurando assim a sua subjetividade. Para Romero (2016), este ser afetado pela interação homem-mundo é denominado por afetividade. O ser humano está sempre em interação com o mundo. Na dimensão afetiva existe uma peculiaridade da relação homem e mundo, ela é única para cada ser. Há uma sensibilização para determinados objetos e relações que afetam a subjetividade da pessoa. Esta sensibilização é o que torna perceptivo, afetado e/ou tocado de forma positiva ou negativa.

A mania, beatitude, angústia e depressão são os quatro polos dos estados de ânimo que são sintomáticos. No caso da beatitude que pode ser comparada ao do desaparecimento de si, é entendido por Romero (2016) como sendo a concentração do processo de liberação total. O sujeito não participa do mundo compartilhado com os outros seres, se desligando de atividades cotidianas, interesses e motivações que movimentam a maioria das pessoas no mundo. Devido ao estado de consciência estes sujeitos não conseguem ter relacionamentos corriqueiros com os outros. São mais afetados pelos eventos subversivos do que demais seres humanos por se tratar da sensibilidade desenvolvida e estes são uma das causas que evitam o social.

Estes quatro eixos dos estados de ânimo conforme Romero (2016), varia dependendo das situações, estando presentes na visão de mundo do homem de forma leve ou intensa, em determinados momentos da vida ou por longos períodos. Os relacionamentos interpessoais são afetados dependendo do fenômeno psicopatológico sintomático que se apresenta nos estados de ânimo da pessoa.

No polo da exaltação de si, a mania faz parte deste âmbito, o sujeito neste caso não consegue atender às condições de conduta dentro dos parâmetros de seu contexto social e das etapas evolutivas. Na neurose, o sujeito que está passando pela vivência da mania, suas incapacidades são vividas com sofrimento; na psicose, é vivida como exclusão e com egocentrismo na psicopatia. A vivência maníaca é o oposto da depressiva (ROMERO, 2016).

Em muitos momentos, seja em qualquer um dos polos dos estados de ânimo a existência pesa e o sujeito sente a necessidade de livrar dela, de tirar férias de si mesmo. Mesmo nos tempos atuais, com a autonomia e a liberdade, é inerente ao ser humano dar sentido e valor à sua existência. No processo de autonomia o sujeito vivendo sua liberdade se vê no âmbito da insuficiência. Firmado por si mesmo e não obtendo recursos suficientes para ajustar-se aos vínculos sociais, nem sempre encontra prazer em viver. “No entanto, todo indivíduo é responsável por si mesmo, mesmo que lhe falem meios econômicos e, sobretudo, simbólicos para assumir uma liberdade que não escolheu, mas que lhe é outorgada pelo contexto democrático de nossas sociedades” (LE BRETON, 2018, p. 11).

Na sociedade moderna ocorre um distanciamento entre as pessoas onde aparece um fluxo rápido entre os acontecimentos e nas relações estabelecidas. Neste cenário o sentimento de pertencimento acontece com mais dificuldade. As pessoas têm se conectado mais do que se vinculado, comunicando cada vez mais pelo uso da tecnologia, se encontrando cada vez menos (LE BRETON, 2018). Falta a presença do outro para ocorrer a troca que somente acontece na vivência face a face. O gosto pelo silêncio se estabelece e o ser encontra-se cada vez mais solitário nesta nova época.

Em vários momentos do cotidiano, proporcionam um distanciamento da comunicação social, como por exemplo, a meditação, ler um livro, entre outros. Le Breton (2018) nomeia como branco o estado de ausência de si que advém da dificuldade de ser si mesmo, com o intuito de aliviar a pressão. “Para cada indivíduo, mesmo aos que se beneficiam de uma vida bem vivida, impõe-se como uma necessidade, no fim do dia, uma certa dose de “branco” ” (LE BRETON, 2018, p. 56). O branco é o meio de resposta para o sentimento de saturação, fadiga e excesso vivido pelo indivíduo. “Ele mantém sua existência como uma página em branco para não se perder ou correr o risco de ser envolvido, atingido pelo mundo” (LE BRETON, 2018, p. 14).

Indiferente com as coisas se convence que sabe de si, e muitas vezes não sabe de fato quem é. Não consegue responsabilizar-se consigo mesmo e nem com as demais pessoas. Mostra-se indiferente com o outro. Pouco afetado pelas mudanças a sua volta, não quer mais ter que se haver com as obrigações de sua identidade. Le Breton (2018) cita que é comum ouvir as pessoas dizerem: “Me deu um branco”, o que significa é que o eu desaparece nestes momentos. Muitas pessoas ausentam-se na maior parte do tempo e quando estão presentes sentem um vazio (ARANTES, 2019). O desaparecimento de si é uma forma de continuar a viver, um descanso, férias de seu personagem. O “deixar para lá” se torna um vício onde o sujeito se apaixona pela ausência de si (LE BRETON, 2018).

Em algumas situações na vida do sujeito lhe marcam ao ponto de levá-lo a um distanciamento de suas relações com o outro. Obcecados pela ausência, Le Breton (2018) salienta que o sujeito mostra desinteresse de tudo, sem vontade de ser mais ninguém, de se tornar invisível. Com a sensação de vazio não investem mais no mundo e acreditam estar sofrendo sem motivos.

Há as mais variáveis formas de desaparecer de si, segundo Le Breton (2018) chamada como maneiras discretas de desaparecer. Para livrar-se de sua vida pessoal, o sujeito comporta compulsão em dormir para perder a consciência. O dormir se torna um lugar de proteção contra o mundo que invade aquele ser humano. “Dorme para não pensar mais, para não decidir mais

nada, para não prestar contas dos acontecimentos” (LE BRETON, 2018, p. 53). Dormir é uma pausa, um ensaio para morte, uma forma de fazer-se de morto por um tempo.

Morremos a cada dia que vivemos, conscientes ou não de estarmos vivos. Mas morremos mais depressa a cada dia que vivemos privados dessa consciência. Morremos antes da morte quando nos abandonamos. Morreremos depois da morte quando nos esquecerem (ARANTES, 2019, p. 58).

A morte se apresenta dia após dia quando o sujeito esquece algo, fenômeno que acomete a todos, mas quanto mais uso do desaparecer de si menos consciente se está de sua existência. Não ter consciência do seu existir pode ser entendido como morrer-se com mais rapidez.

Dormir em excesso é um apagar-se com discrição na tentativa do desligamento total de si. É não ter que se haver com sua existência, não fazer escolhas e não lidar com sua liberdade. “O sono é uma espécie de refúgio para eximir-se da presença” (LE BRETON, 2018, p. 54). Muitos períodos da vida o sujeito necessita de um distanciamento dos movimentos sociais, onde o sono é propiciador deste distanciamento para que ao acordar possa estar aberto novamente neste envolvimento com o mundo (LE BRETON, 2018). O sono é uma possibilidade para que o homem volte à sua presença enquanto consciência no mundo. Através de sonhos o sujeito pode realizar interpretações significativas para sua vida.

“O branco é essa vontade de desacelerar ou de deter o fluxo do pensamento, de finalmente acabar com a necessidade social de sempre compor um personagem de acordo com os interlocutores presentes” (LE BRETON, 2018, p. 23). No hospital psiquiátrico, o usuário ocupa de certa forma este lugar de desaparecimento de si. Com medicamentos e rotinas pré-estabelecidas pela instituição, não é necessário pensar ou mesmo estar presente no momento, os trabalhadores da instituição estão ali para cuidar de sua existência (LE BRETON, 2018). O protagonista do espetáculo chamado vida fica às margens, não participa da apresentação.

Outra possibilidade de desaparecer de si acontece quando o sujeito se inclui de forma profunda em uma seita ou uma instituição religiosa. Acontece o desaparecimento de si, pois muitos se desligam do mundo, distanciam-se de forma física e mental de uma sociedade considerada por eles como impura. As seitas em primeiro momento oferecem acolhimento às grandes questões da existência. O que a sociedade em contrapartida é vista como uma liberdade sem limites, independência e escolhas. A seita pode ser compreendida como Le Breton, (2018) nos diz de um útero que nutre e protege o sujeito do mundo externo.

A identidade se constitui continuamente. É composta por uma bagagem do passado e redefinições das identificações dadas no presente. O sentimento de identidade é onde habita o sentido da relação que o sujeito tem com o mundo. Esta identidade é redefinida pelos contextos e grupos que esta pessoa está e participa. De acordo com Le Breton (2018), o indivíduo se

reconhece há tempos já vividos em seu passado devido a um fio condutor que dá a entender que ele permanece o mesmo, sendo assim o essencial continua inalterado. Esta parte da identidade é mais reconhecida do que o lado flexível onde ocorrem os acontecimentos marcantes na vida do sujeito fazendo suceder nutrição ou extinção de percepções sobre si e sobre o mundo.

Conforme Le Breton (2018), o indivíduo constitui sua existência social somente através da capacidade de exercer vários papéis conforme o ambiente e as pessoas, mas ao mesmo tempo preservando uma unidade de si. A personalidade social é criada pelo pensamento dos outros. O indivíduo é tocado pelo contexto e público e apresenta parte de sua personalidade. Somente uma parte desta personalidade é revelada. Resumindo, o sentimento de identidade se dá em partes através de circunstâncias. De forma simbólica, a personalidade social de uma pessoa pode ser entendida como sendo a mesma quantidade de pessoas que o reconhecem, que fazem juízos sobre ele (LE BRETON, 2018). O sujeito se constituiu através do olhar e do reconhecimento do outro.

Não se relaciona com uma criança da mesma forma do que quando se está com amigos íntimos. Le Breton (2018) argumenta que a todo instante é mostrado somente um fragmento da identidade. O ser si mesmo é imprescindível assumir as facetas necessárias nos papéis presentes na vida cotidiana. Jamais terá acesso total daquilo que ele é.

A adolescência e a velhice são momentos em que o continuar consequente consigo mesmo esbarra em muitos obstáculos dentro e fora do próprio indivíduo, momentos de fadiga nos quais urge assumir o próprio personagem, mas que igualmente convidam a deixar-se levar para liberta-se das tensões (LE BRETON, 2018, p. 198 - 199).

A continuidade de si é uma crença necessária para a sobrevivência. Segundo Le Breton (2018), ser o que si é passa pela consciência da personalidade de cada pessoa. Esforça-se para ser quem se deseja ser entre as mais diversas possibilidades que lhe são possíveis, dentro de seus conhecimentos, relações sociais, ambiente e visão de mundo.

A identidade parece ser algo cristalizado, mas é vulnerável, sofre transformações devido às relações vividas com o outro, o olhar do outro nesta identidade e acontecimentos históricos pessoais. Ela é modulada segundo a interpretação do sujeito sobre suas vivências. De acordo com Le Breton (2018) o ser humano está sempre em relação com tudo onde revê seus objetivos e remodela seu olhar sobre si mesmo. Exposto as contingências da vida, a identidade está envolvida com a trama do tempo e com os acontecimentos imprevisíveis como perdas de pessoas e objetos. Sendo assim a identidade é sempre um processo que flui e se altera no tempo.

As transformações que acontecem na identidade do sujeito podem ser discretas ou de forma brutal. Com o passar do tempo um mesmo tema é compreendido de forma diferente pelo

mesmo sujeito. O indivíduo não tem acesso a uma totalidade interior, pois é constituída por significações diárias e contínuas sobre si e sobre o mundo (LE BRETON, 2018).

O indivíduo é em parte o autor de sua existência por estar inserido em vínculos sociais que necessita do outro para a sua constituição. Como não tem consciência total de si somente uma parcela dele sabe o que é e o que faz. Nos últimos tempos a autobiografia e blogues têm aumentado com o intuito de uma leitura e releitura de experiências e vivências. É uma narrativa provisória, sobre a última versão que o indivíduo oferece de si mesmo daquela experiência ou vivência vivida. Segundo Le Breton (2018), narrar sobre si mesmo é uma tentativa de criar uma consistência de sua identidade a posteriori, certa objetividade sobre a própria identidade, na busca de sentido e coerência sobre si nas suas experiências. O sujeito não cessa de narrar para si sua própria história na tentativa de identificar-se em sua biografia.

Esta identificação, construção e reconstrução com a própria identidade através da narrativa é entendida por Le Breton (2018) como uma ficção, mas é o meio de aproximação do processo de si mesmo que aconteça infinitamente. Na demência, quando o sujeito já não consegue construir sua narrativa, outras pessoas assumem a continuidade da história desta pessoa. A identidade se torna questão quando o sentimento de continuidade de si em seus papéis e nas diversas situações não apresenta um reconhecido de si e nem pelos outros.

Acontecimentos dramáticos podem ser um dos fatores para ocorrer à ruptura da falta de identificação consigo. Devido a estes fatores o sujeito sente a necessidade de redefinir-se, não realizando a manutenção da identidade e ocorrendo assim uma luta interior. É necessário flexibilidade e ajustamento para lidar com confrontos que marcam a vivência do sujeito. A pessoa pode fracassar ao tentar produzir seus diferentes papéis. Existem também sujeitos que têm a evidência de serem elas mesmas e não elaboram de forma positiva as diferentes versões que o outro apresenta. Faz esforços para manter a mesma unidade de si mesmos, se tornando em muitos casos uma carga pesada (LE BRETON, 2018).

Nem sempre as mudanças radicais acontecem depois de eventos traumáticos e atingem de repente a relação homem - mundo. Elas podem instalar de forma lenta e progressiva, tornando-se outra pessoa com o passar do tempo como é nos casos das demências, no Alzheimer, etc. O ser humano é constituído por mais imprevisibilidade do que certezas. Le Breton (2018) aponta que a existência é formada tanto de acontecimentos pontuais quanto oportunidades perdidas. A cada caminho trilhado outras infinitas possibilidades foram deixadas para trás.

Para Coelho Júnior (2018) a maneira mais brusca de interromper a si mesmo é o suicídio. Utiliza-se de sua autenticidade não apenas para viver a vida de sua maneira, mas também de

mantê-la ou de encerrá-la. Desde a manutenção da vida até uma efetiva autêntica individualidade a um percurso de realizações e novos propósitos de vida onde ao mesmo tempo surgem desafios mais existenciais que são envolvidos por diversos aspectos de tensão.

O trabalho em cuidar de pessoas deve acontecer primeiramente consigo mesmo. Arantes (2019) cita que o profissional da área da saúde conseguirá verdadeiramente cuidar do outro se estiver cuidando de sua própria saúde. O profissional psicólogo deve compreender o seu próprio desaparecimento de si para ver, entender e contribuir com o desaparecer de si do outro que pode estar trazendo prejuízos à qualidade de vida deste.

O desaparecer de si, portanto é um fenômeno que já se apresentou na vivência de todas as pessoas. Ocorre de forma mais branda quando há momentos de fadiga e cansaço, tornando-se um acontecimento momentâneo. De forma mais profunda o desaparecimento de si surge em momentos marcantes na vida do sujeito, falta de sentido sobre o seu existir, conflitos de identidade e de identificação e também por questões de acidentes e demências. Esta última será mais elaborada no decorrer das próximas páginas dando ênfase no Alzheimer. O esquecer de si acontece neste caso de forma progressiva e até então é uma doença incurável.

2.3 Alzheimer como o desaparecimento da existência

Segundo Le Breton (2018), existe uma ideia do que seja uma “pessoa idosa”, sendo assim ocorrendo um fechamento, uma limitação da compreensão da singularidade daquele que o idoso é. Estas pessoas são afastadas de suas funções, principalmente profissionais, afetando o ser que se é. As atividades laborais são consideradas como primordiais para a confirmação do sujeito enquanto pessoa capaz, sua independência, o valor que se dá e dão a ele. Muitos a maior parte de seu tempo foram investidos em seu trabalho, passaram mais tempo trabalhando do que em qualquer outra atividade em sua vida. Nesta fase da vida, o idoso necessita conformar-se com as condições e capacidades de seu corpo físico.

Na velhice o que mais acontece é o idoso buscar prazer, viagens, trabalhos voluntários e diversões ou se fecham em seus lares e famílias. Há uma criatividade para as atividades do cotidiano, inaugurando e renunciando ocupações no seu dia a dia, havendo assim uma descoberta de suas reais capacidades. O idoso vai se ajustando à sua capacidade corporal, ao novo tempo em que está vivenciando onde a tecnologia é cada vez mais intermediadora das relações e se tornando de certa forma fundamental (LE BRETON, 2018).

O centro de gravidade do processo de envelhecimento vincula-se ao grau de apego que o indivíduo estabelece com a vida cotidiana ou com seus sonhos. Essas significações é que finalmente contam. Não é uma questão de idade, mas de relação com o mundo (LE BRETON, 2018, p. 144).

O que conta é a qualidade de investimento que este idoso teve e tem nas suas funções, prazeres, desprazeres, sonhos, interesses, desinteresses e desinvestimentos. A compreensão que o idoso tem sobre o outro, sobre si e visão de mundo irão refletir de como este idoso está e irá viver a fase da velhice. Se o idoso vive a velhice de forma feliz entende-se por Le Breton (2018), como sendo uma renovação de prazeres que o idoso efetuou neste novo cenário que o circunda. Mas quando se torna difícil em investir no mundo acontece um lento desaparecer de si.

Romero (2016) cita que na velhice os estados de ânimo que predominam são a serenidade e a depressão. Nesta etapa da vida o idoso sabe que não lhe resta tanto tempo comparado a quando se era mais novo, que as possibilidades são mais restritas. A serenidade apresenta-se para aquele que acredita que o percurso foi satisfatório, realizou o que desejava fazer.

O corpo envelhecendo é ouvido como sendo mais lento, sofrido e com mais frequência do que quando não havia dores, lentidões e desconfortos. Visitas ao médico se tornam mais constantes, com perdas físicas, as relações com o mundo se apresentam cada vez mais lutadas. O cansaço se torna mais presente onde repouso não faz a fadiga cessar (LE BRETON, 2018).

O envelhecimento se torna perceptível quando o idoso toma consciência deste envelhecimento. De acordo com Le Breton (2018), o envelhecer acontece quando o idoso é atingido por uma doença ou um fato marcante em sua vida, como a perda de seu parceiro amoroso. Sem estas circunstâncias quase não se percebe a alteração física do idoso.

O idoso sente a necessidade de ser reconhecido pelos amigos e pelas pessoas que os reconhece apesar da doença e do sofrimento que agora se tornou presente. Arantes (2019) diz que quando um ser realmente vê o outro existe a possibilidade de um reencontro da própria história e a importância que aquela pessoa teve e tem no mundo.

A perda de pessoas significativas em sua vida é outro ponto marcante entre as pessoas da terceira idade. A superação destas perdas é vivida de forma subjetiva, onde alguns superam de forma mais rápida e outros manifestam dificuldades. Muitos acabam morrendo pouco tempo após estas perdas. A perda destas pessoas significativas pode acontecer de forma lenta ou brutalmente e é um processo difícil de ultrapassar por se tratar dos investimentos, interesses depositados naquela pessoa que era valiosa na vida do idoso (LE BRETON, 2018).

Nesta perspectiva de perdas, nem sempre o idoso luta para manter seu personagem. Com seus meios, o idoso tenta conservar o sentido para a sua existência. Há uma reestruturação na identidade do idoso de suas perdas que são irreversíveis. Devido à convicção de tempo ilimitado o desejo de recomeçar seja em qualquer indivíduo, mesmo não sendo idoso se torna menos presente. Para Le Breton (2018) a velhice é um lento desaparecimento de família, vizinhos, amigos, eventos, responsabilidades profissionais e pessoas de sua geração. O luto é mais fácil de ser superado no jovem que tem a visão de futuro possível do que na velhice onde se entende que pouco tempo lhe resta de sua existência. Há um lento processo na elaboração do luto. O idoso estabelece relação com outras pessoas, mas muitas que eram valiosas se foram (LE BRETON, 2018).

Os lares destes idosos em muitos casos passam a ser casas de repouso ou asilos. Neste mundo contemporâneo, com a individualização, o enfraquecimento dos vínculos sociais e o aumento da expectativa de vida muitos escolhem viver nestes lares junto com outros de sua geração, visitam e mantêm determinado tipo de relação com seus familiares. Conforme Le Breton (2018), quando o idoso escolhe o lugar, se interessa pelas atividades do ambiente, se é possível ter seus objetos pessoais consigo, então é realizável de se tornar um lugar como se fosse sua casa. Mas quando acontece uma internação contra a própria vontade o idoso assim pode perder a vontade de viver.

Não estar mais em casa para muitos significa a perda de sua história pessoal, seus móveis, seu espaço em seu lar e afastamento de seus vínculos familiares. Quando o idoso possui consciência, esta mudança de território pode ser vista como uma mudança natural. Por outro lado, para alguns idosos que não têm mais sustentações e reservas de sentido daquele momento que está vivendo, eles se esvaziam, e o que surge é um desligamento de si para com o mundo, com o outro e com ele mesmo. O que acontece são muitos idosos morrerem em pouco tempo de internação nestas instituições (LE BRETON, 2018).

Gradativamente o idoso vai desinvestindo de sua presença no mundo. Nas casas de estadia, o cuidador oferece suporte para movimentos, sendo assim não sendo necessários esforços até mesmo de mobilizar-se. Para Le Breton (2018), o sujeito perece no sentimento da continuidade de si. O desejo de não mais se incomodar, não tem mais vontade de viver, mas sem necessariamente o desejo de querer morrer. O idoso nega-se a se alimentar, mudanças físicas drásticas repentinas, não querer tomar medicamentos, desaprova qualquer contato físico, uma ausência que denuncia a aproximação da morte.

Alguns acontecimentos são produtores de sentido e em contato com a identidade do sujeito traz um estranhamento, ocorrendo assim um não reconhecimento dos outros e/ou de si

mesmo. Este estranhamento surge quando se tem uma experiência marcante como de dor, uma separação, um acidente, ela modifica de certa forma a pessoa que a vivencia. Le Breton (2018) descreve que nas mais diversas formas de demência como, por exemplo, o Alzheimer, acontece o desaparecer de si.

São mais de 50 milhões de pessoas que sofrem de algum tipo de demência (distúrbios neurocognitivos). A doença de Alzheimer é a mais comum entre elas. Atualmente existe o tratamento farmacológico e não farmacológico como a estimulação cognitiva para retardar as perdas que ocorrem com a pessoa com Alzheimer, mas a cura ainda não foi encontrada. Com seu envelhecimento os sujeitos têm se preocupado com maior regularidade referente à sua saúde mental. Segundo Sirois (2016) o Alzheimer se apresenta devido ao acúmulo de proteína beta-amilóide no cérebro, levando a uma inflamação. Ocorre a deficiência de neurotransmissores que impedem a comunicação de um neurônio com o outro. Devido à plasticidade do cérebro e a reserva cognitiva o Alzheimer poderá se mostrar através de sintomas de perda da memória, linguagem e compreensão depois de 15 ou até mesmo 20 anos, então na maioria dos casos ela é identificada muito depois que a doença já se instalou.

De acordo com Sirois (2016), a plasticidade do cérebro é a atividade cerebral de modificar a organização das redes neurais. Isso significa que se parte do cérebro está incapaz de se comunicar para realizar determinada ação, o cérebro cria outras rotas neurais. Desta forma a comunicação dos neurônios se permanece. O que acontece no Alzheimer é a falta de novas rotas neurais, pois as mesmas foram deterioradas. A reserva cognitiva é desenvolvida ao longo da vida do sujeito onde o cérebro trabalhou e foi mais estimulado. Portanto, estes dois fatores são mecanismos que o cérebro possui para se manter mesmo com o Alzheimer situado e por isso o atraso da manifestação dos sintomas.

O que foi percebido neste público de Alzheimer como fator predominante e que ainda não é possível de modificações é a apresentação deste em pessoas com idade avançada, casos de Alzheimer na família e ser do sexo feminino. Os fatores percebidos neles que o sujeito pode realizar para a prevenção de não ter Alzheimer são cuidados com pressão alta, diabetes tipo 2, sedentarismo, tabagismo, obesidade, depressão, problemas de audição e isolamento social. Não ouvir bem tende o sujeito a se isolar (SIROIS, 2016).

No Alzheimer, o desinvestimento no mundo e o desaparecimento de si acontecem de forma mais brusca do que nas pessoas que não possuem nenhuma demência (LE BRETON, 2018). A pessoa com toda a sua bagagem de história de vida passa por uma ruptura, uma fratura na sua relação com o mundo externo e com isso o seu mecanismo de melhor forma de sobrevivência consciente ou mesmo inconsciente é o desaparecer de si.

Sem a percepção do sujeito, o apagamento é quase não reconhecido e se torna cada vez mais frequente. Percebe que não é mais o mesmo, distante do que um dia já foi. O idoso vai se desconectando gradativamente de sua relação com o mundo nas pequenas coisas que, somados ao longo do tempo, se tornam grandes perdas. De acordo com Le Breton (2018), ao longo deste período de desconexão acontece também momentos de melhoras, recuperações e estabilidades dos sintomas da pessoa que tem Alzheimer.

No período chamado de branco, Le Breton (2018) cita que a pessoa com Alzheimer passa por esta fase sem ficar totalmente nela. Em alguns estágios sendo irreconhecível pelos seus parentes, mas retornando de quando em vez a si, a ser quem si é ou era. Com o passar do tempo a percepção de si, de seus sentimentos e do outro vão se desmoronando até desaparecer e reduzir-se a nada.

Memórias recentes ou chamadas de espontâneas são as mais afetadas pelo Alzheimer. Objetos pessoais, que a pessoa tinha um vínculo com estes, deixam de ser reconhecidos. As memórias de longo prazo se tornam mais evidentes como palavras infantis, as lembranças de amores antigos, etc. Comunicar e concentrar são outras funções que vão se deteriorando. Progressivamente a memória da pessoa vai se perdendo (LE BRETON, 2018).

As memórias interiorizadas têm grande importância para a existência do sujeito. Uma vez que memórias despertam sentimentos que fazem a pessoa se projetar no tempo, para o seu futuro e um reconhecimento de si no passado onde nutre o sentimento de identidade e de compreensão de ser. Segundo Le Breton (2018), quando estas memórias interiorizadas se desfazem, o que fica são percepções, memória residual que não tem relação ligada ao tempo vivido do sujeito.

Os acontecimentos em sua vida são vividos sem uma sequência lógica, não há ligação de uma memória com a outra. “Sua memória se retalha em fragmentos que nada mais a religa” (LE BRETON, 2018, p. 154). Transformam-se dependentes em gestos que antes eram corriqueiros como comer e tomar banho. O que não se reconhece mais não existe para aquele sujeito. Não há começo nem fim, o que existe são lembranças flutuantes que são assimiladas, mas não fixadas em sua história e memória.

Desconhecem seus espaços familiares, pensamentos se tornam incoerentes, a linguagem deixa de ser recíproca e a angústia aparece. O desaparecimento de si se aprofunda. Há uma perda de sentido em relação ao mundo. Até mesmo as memórias de seu corpo podem ser perdidas acontecendo assim agitação motora, esfínter, transtornos de linguagem, etc. (LE BRETON, 2018).

Como o sujeito não encontra seu lugar no mundo, o que se sucede é um isolamento de si e do contato com o outro. A formulação da linguagem não condiz mais com o que realmente gostaria de expressar. O pensamento existe, mas ao falar fracassa, não era o que queria dizer, pois existe uma confusão dentro de si que torna difícil de articular e ser compreendido. Não tem mais responsabilidades perante a um mundo que não a compreende ou que não quer compreender. Conforme Le Breton (2018), a pessoa com Alzheimer não toma mais decisões sobre si. Não se reconhece mais e não tem consciência da sua falta de reconhecimento de si.

A doença de Alzheimer priva o sujeito do que lhe é mais singular. A pessoa congela-se no tempo, não existe mais no passado e nem no futuro, vivem na indiferença. Rituais e rotinas próprias do sujeito como, por exemplo, a maneira de se vestir, de falar e comportar-se vão morrendo aos poucos até não se tornar mais presente. Comportamentos como ficar nu diante do outro, comer com as mãos, comer do prato de quem está ao seu lado e falar palavras e gestos obscenos não trazem temor ao sujeito. A comunicação pela linguagem se torna menos presente com o passar do tempo. A pessoa vive em outro espaço, outro lugar, onde não é mais possível neste mundo se socializar, comunicar com os códigos correspondentes que permitem falar e interagir com o outro de forma mais ampla. Os fios das memórias são rompidos. Embora eles falem não acontece à compreensão para com o outro, suas frases são desconexas (LE BRETON, 2018).

Não possuem mais a capacidade de fazer ligação de episódios de sua vivência em sua história de vida. Sua vivência é fragmentada, sem conexão com a vivência anterior e posterior. Mesmo estando presente, a pessoa está mergulhada em sua outra dimensão. Le Breton (2018) reflete que em muitos casos o desaparecimento de si pode ser entendido como morte simbólica, uma morte sem cadáver. Para aqueles que acompanham se perguntam se o demente é capaz de cometer algum ato perigoso contra si e contra o outro. O demente passa a ser para estes acompanhantes próximos como alguém que possui a forma física de uma pessoa que amaram no passado.

Muitas pessoas próximas ao portador de Alzheimer, quando começam a perceber a degradação do mesmo, o caminho que eles encontram é o afastamento do demente. O Alzheimer transforma a pessoa em um estranho, um estrangeiro. O tempo e o espaço não são mais compreendidos. Pode-se entender que nesta demência a pessoa tem uma regressão, um retorno a sua infância devido aos comportamentos lúdicos e falta de controle sobre si (LE BRETON, 2018).

Quando o sujeito não lembra, por exemplo, de sua filha, torna-se difícil a construção de novas lembranças e o compartilhamento das que foram vividas juntas. Segundo Le Breton

(2018), devido aos comprometimentos da linguagem o silêncio se estabelece. As proximidades corporais como um carinho não são aceitas devido ao não reconhecimento do outro. A pessoa com Alzheimer oferece tempo para que seus afins possam se acostumar com sua ausência, pois se trata de uma doença com sintomas que se apresentam gradativamente e em longo prazo. Há uma ruptura na continuidade de si, nesta constante construção do ser quando se está com Alzheimer. Chega-se ao ponto em que somente o corpo da pessoa com Alzheimer é reconhecível, nada mais faz parte daquele que um dia foi.

O Alzheimer pode ser entendido como sendo um processo de desaprendizagem da compreensão dos sentimentos sobre si mesmo, entendimento da fala do corpo, da interação com mundo e com os outros, da linguagem, do tempo, dos movimentos da vida e do espaço. É um desapegar-se sem ser possível fazer o retorno. É estar em uma terra e sentir ser estrangeiro nela (LE BRETON, 2018). A vida teria seu próprio caminho e o idoso é somente um espectador, vivendo nos bastidores de sua existência. Mesmo que queira apresentar-se neste palco da vida já não é mais possível, já não o consegue mais. Os casos mais precoces de demência entre quarenta a sessenta anos dependem de origem genética comprovada.

Com todos os prejuízos trazidos pela doença de Alzheimer a pessoa ainda tem sua subjetividade, tem prazeres e desprazeres, sente emoções e emite juízos de valor. Le Breton (2018) salienta que as alterações de memórias não privam que o sujeito esteja ativo na comunidade, mesmo que este dê sentido de forma diferente sobre o universo.

Nos primeiros sintomas de Alzheimer, os cuidadores, familiares e amigos tomam medidas de prevenção em movimentos de ir ao médico, modificações no ambiente na tentativa de que a pessoa não desista de si mesmo. Se forem reconhecidas estas iniciativas o desaparecimento de si poderá ser suspenso ou desacelerar o desinvestimento da existência. Estes cuidados com o demente são essências, pois se trata de como as pessoas veem está demência, não que tenham a esperança que seja curável, mas de como um estado da identidade daquele sujeito que é suscetível de retrocessos (LE BRETON, 2018).

A evolução deficitária do quadro do demente em parte se relaciona com a concepção de que os familiares e cuidadores têm de esperança e desesperança sobre ele. Quando estes idosos são abrigados por instituições a uma mudança de condições, esforços que não são visualizados, investimentos afetivos não existentes destes cuidadores sobre os dementes. Independência, autonomia, reforços e estímulos não são tão bem qualificados nas instituições quando estes estão em seus lares, cuidados por familiares ou um cuidador específico. Segundo Le Breton (2018), há os casos onde o cuidador encontra dificuldades em lidar com idoso que recusa os cuidados e quer se levar pelo esquecimento de si.

Quando não se é reconhecido socialmente há um sentimento de não pertencimento do sujeito. O cuidador pode e em muitos casos é o único em que reconhece este idoso e configura este pertencimento aos vínculos sociais talvez perdidos. As instituições devem contribuir na restauração do sentido que acontece quando a equipe tem paciência e criatividade. Conforme Le Breton (2018) muitas ações podem ser realizadas para devolver a identidade destes idosos como chamá-los pelo nome, personalizar o espaço onde possam e se sintam confortáveis e de fácil locomoção, fortalecer os vínculos familiares e de amigos, atividades de estimulação de cuidados da aparência, caminhar, alimentar a memória das relações sociais, introduzirem animação interna como música, palhaços, etc. O idoso mesmo assim pode não querer ou se sentir incapaz de responder a estas expectativas.

Segundo a Associação Brasileira de Alzheimer (2019) dependendo da fase que o idoso se encontre, o mesmo pode apresentar depressão e em muitos casos alterações comportamentais de difícil controle. Outro ponto importante que é salientado é que um cuidador ou familiar que cuida deste idoso chega até o profissional psicólogo em busca de orientação. Nos primeiros contatos é de extrema importância que o psicólogo conheça a história social e mental deste idoso. Outros pontos a serem considerados para que familiarize-se com as necessidades diárias do idoso são: acolher a família na perspectiva de que eles compreendam e adaptem à nova realidade, observar as condições de saúde que possam estar piorando a depressão do idoso, pensar junto à família e ao idoso a melhor forma de uma boa rotina e mudanças possíveis para reduzir fatores de estresse de ambos, buscar informação sobre o funcionamento cognitivo que inclui capacidade do idoso de memória e atenção e por último tentar sempre conversar com o idoso e os familiares sobre suas angústias. As intervenções psicológicas são importantes tanto no idoso quanto com os familiares pensando em uma relação que possa ser construída com confiança no intuito de trazer qualidade de vida para ambos.

Envelhecer é uma fase que a pessoa perpassa e que por muitas vezes desaparecer de si é uma das formas para dar conta de seus cansaços, perdas de entes queridos, entre outros. No Alzheimer o esquecer-se de si se faz sem escolha e se torna mais comum com o passar do tempo. Até mesmo o que está causando sofrimento no idoso acontece de ser esquecido devido ao Alzheimer.

Arantes (2019) cita que a sociedade não trabalha com temas da área do perder. O envolvimento do ser humano está sempre em como ganhar e com isso a falta de preparo e entendimento do saber perder bem, como lidar com o perder. A arte de saber perder só é capaz em pessoas que vivem plenamente o que ganharam um dia. Neste contexto, saber perder memória, histórias valiosas e perder pessoas de grande importância são experiências presentes

na vivência de todo o ser. Saber perder é uma das características que podem ser desenvolvidas para uma melhor vida que tem seus momentos de perder.

O desaparecer de si no Alzheimer traz dificuldades de aceitação para os familiares que muitas vezes são os próprios cuidadores. O despedir-se daquele que um dia ele foi, mas que ainda permanece de corpo presente se faz como uma possibilidade. Aquele que está acompanhando, cuidando do idoso e que está envolvido de certa forma afetiva com a pessoa com Alzheimer é a mais afetada pela perda constituída daquele ser e são estes que chegam até os profissionais da psicologia em busca de auxílio desta perda, de desconstruções em seu ser. Segundo Celich e Batistella (2007) o cuidador deve ser visto não somente como cuidador, ele também é um ser que precisa realizar-se, tomar decisões, ter liberdade. Muitos destes cuidadores são filhas destes idosos. Outro fator presente entre os cuidadores é a ausência de uma vida social, desestrutura financeira que impedem de contar com profissionais contratados e sem uma rede pública que possa lhes dar suporte.

Existem muitas maneiras de desaparecer de si como foi citado no capítulo anterior. Partindo para outro tipo de desaparecimento de si, dado não de forma de doença neurocognitiva como foi visto no Alzheimer, mas que muitos irão entender como doença psicopatológica que é o esquecer de si na vivência da paixão amorosa.

2.4 Paixão, o esquecimento de si mesmo

Existe emoção na lembrança ou presença de um ser amado. As emoções são o movimento para fora, o que está experimentando apresenta-se no comportamento e é considerada como motivadora. Quando o ser humano reage a determinado afeto, situação, estímulo é a emoção que está presente nestes casos, podendo ser reais ou imaginários. Sentimentos e emoções são fenômenos afetivos diferentes. Nos sentimentos existe uma disposição para, o sujeito fica sensibilizado em uma direção. Se for uma relação positiva há o sentimento de afirmar e confirmar, na relação negativa os sentimentos são de negação e desqualificação. Os sentimentos também se apresentam como apreensão de si e percepções de si mesmo (ROMERO, 2016).

Na paixão, o sujeito é afetado por um evento ou por um fator casual. A afeição é uma das formas da manifestação da paixão em que o lado psicológico é afetado. Outra maneira da paixão apresentar-se é pela forma mais intensa onde se torna uma patologia. Romero (2016)

cita que até o século XIX a paixão era sinônima de afeto. Atualmente a paixão é entendida como alta valorização e centralização de um objeto. A pessoa foca sua atenção e interesse naquele objeto, onde outras áreas de sua vida não são tão mais investidas por ele. Segundo Romero (2016) as três formas mais comuns que dominam o desejo dos sujeitos são a paixão amorosa, a paixão pela causa e a paixão pelos jogos de azar.

As vivências das paixões são as mais diversas, onde cada ser a vive de forma diferente, em tempos diferentes e com as mais possíveis intensidades. A psiquiatria moderna estudando um ser apaixonado, a níveis neuronais e hormonais, na primeira fase da paixão que se apresenta a idealização do amado há uma mudança dos neurônios na utilização da serotonina. Angerami (2006) cita que em alguns estudos genéricos sugerem que destas mudanças neuronais inibem o comportamento, ocorrendo assim as formas de vivência apaixonadas como duráveis e idealizadas, surgindo preocupações obsessivas em relação ao objeto amado. Outro grupo de neurônios que se encontram presentes na vivência da paixão é a dopamina que é responsável pelo sentimento do prazer do ser humano.

Em muitos casos o sujeito deseja fundir sua personalidade com a da pessoa amada na tentativa que se tornem uma só personalidade, em um só ser. Essa fusão é idealizada como sendo propulsor de satisfação, prazer e na tentativa de que será feliz se tiver este tipo de relacionamento. Em níveis pessoais, esta união de concretizar-se em um só ser não se faz possível, torna-se uma relação doentia e nenhuma das partes estará satisfeito se a procura destes seres for a fusão entre eles (ANGERAMI, 2006). No romantismo, o amor e a morte eram entrelaçados e o grande amor chegaria até mesmo ao suicídio.

O reconhecimento da liberdade de si e do outro garante a individualidade entre ambas as partes, onde permite diferentes tipos de vivências juntos e separados. Querer ser amado é estar sempre inseguro, pois esta estrutura está ligada em relação à liberdade que o outro tem em amar ou não amar o outro, sendo assim não existe o controle sobre os sentimentos do outro. Angerami (2006) reflete que para relacionar-se com o outro implica ter clareza que a liberdade do outro não pode ser tolhida. A convivência com o outro acarreta assumir as divergências daquele em que se relaciona, é redescobrir o sujeito a cada momento vivenciado juntos.

Para Platão e Aristóteles a vivência das paixões constitui a existência. Em Platão, os instintos e disposição afetiva compõem o ser humano em sua capacidade de razão. No século XVIII o entendimento da paixão é repensado e compreendido como sendo uma experiência de características sombrias, instintivas, incontrolláveis, favoráveis a vida e constantemente em conflito com a razão (EVANGELISTA, 2010).

Em Daseinsanalítica o ser humano é entendido como existência, ser-aí, não apresenta uma determinação prévia, ela está constantemente se realizando. Não é planejado, acontecem no decorrer da vida, de suas experiências, através de relações estabelecidas com o outro consigo mesmo e no mundo. Assim, Evangelista (2010) expõe que a oposição entre razão e paixão não é possível na visão do Dasein, porque o ser-aí não é funções anímicas ou um aparelho psíquico, mas sim a existência. As emoções que aqui entendemos dentro da experiência da paixão fazem parte da construção da existência possibilitando que a pessoa delimita significações possíveis. Portanto as emoções estão relacionadas às compreensões que o sujeito dá a elas. A paixão não é algo de natureza instintiva, sem razão, mas que possui compreensão pela via das emoções que são constituintes da existência. Os afetos “abrem” o sujeito para o ser-aí, é constitutivo da existência.

Os sentimentos não são sempre fortes e intensos iguais à paixão (EVANGELISTA, 2010). A paixão amorosa pode ser entendida como sendo um estado em que as ações do sujeito estão ligadas ao amado de quem necessita. A pessoa apaixonada esquece de si para viver no outro, para o outro. O si que existe dependendo destas vivências da paixão amorosa podem estar em tamanha mudança que não há reconhecimento de si, somente do outro amado, portanto um esquecer, uma pausa de si para viver no outro. Neste momento o sujeito pode estar reconfigurando o seu ser, passando por uma grande transformação de si mesmo. Com a vivência da paixão amorosa a pessoa é capaz de ficar perdido do que si é, do que lhe faz parte, confuso com aquela experiência.

O desaparecimento de si na paixão amorosa na visão da Daseinsanálise é entendido como não sendo possível por ser a vivência de caráter constitutivo do ser-aí que acontece através das dimensões afetivas. Como esta dimensão faz parte das características da existência humana, ela está em todas as experiências do sujeito, portanto não desaparece, ela está ali presente com o sujeito, delimitando, interferindo, marcando a vivência. Outras vivências que marcaram e foram importantes para aquele ser humano estão banhadas de dimensões afetivas que irão atualizar a dimensão afetiva do sujeito e assim fazendo parte da existência dele, que o constitui, que não desaparece. Portanto não é possível desaparecer a dimensão afetiva, mas sim um esquecimento das outras áreas, de coisas que lhe eram mais próprias, uma pausa naquilo que correspondiam ao seu ser. Desaparecer é quando não se tem mais comunicação com aquela vivência ou informação e o esquecer como sendo algo momentâneo, que pode ser acessado no futuro.

O sujeito apaixonado se vê fazendo, desejando e vivendo algo que até então não eram possíveis ou que não existiam. As pessoas que vivem ou viveram a experiência da paixão

procuram ajuda psicológica porque em muitos casos não conseguem deixar sentidos que para eles eram considerados importantes e/ou não conseguem dar sentido àquela vivência. Buscam psicólogos para entender este novo ser que si é, mas que não obtém ainda recursos para compreender ou que não querem aceitar as transformações em seu ser que está acontecendo (EVANGELISTA, 2010).

A terapia nestes casos poderá ser de reconfiguração da liberdade na identidade que ainda não está totalmente consciente para aquele ser. Em outros casos poderá ser de reconhecer a nova identidade que este manifesta (EVANGELISTA, 2010). Assumir ser um ser de possibilidades, em transformações e novos sentidos irá sempre acontecer no existir humano onde este pode apresentar dificuldades nestas mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões foram realizadas acerca das pistas dos caminhos contemporâneos possíveis, dentro da perspectiva do mecanismo do desaparecimento de si. O sujeito realiza tentativas diversas para desprender-se de identidades que não mais correspondem ao seu ser: o branco como sendo a tentativa de ausentar-se, do não agir, da indiferença, do ficar neutro, desligar-se, do não escolher, uma indiferença diante da escolha. Em muitos momentos, o branco tem sua sabedoria que seria o da espera de seu próximo desdobramento, sendo um descanso e não a extinção de sentidos. Algumas vezes, no decorrer da existência, recompor-se um tempo de descanso, tirar férias de si e retomar o fôlego são experiências a serem vividas para reencontrar-se e sentir novamente o prazer de viver. “Trata-se de meios de encontrar a própria vitalidade, a própria interioridade, o próprio prazer de viver” (LE BRETON, 2018, p. 209).

Usufruir os momentos é uma arte de gente saudável, daqueles que ainda conservam consigo a criança espontânea e hedônica, que está em todos nós a menos que enveredemos pelas vias da neurose ou da seriedade de gente que perdeu o senso da liberdade (ROMERO, 2016, p. 49).

Não se sabe até quando a pessoa com Alzheimer apresenta a possibilidade de ser, poder-ser-no-mundo. Através do Dasein, podemos fazer a reflexão que uma parte do existir humano no Alzheimer é rompida. O existir humano é também composto por suas faculdades orgânicas de percepção neuronais. Se estas são afetadas há uma alteração neste existir humano. A própria capacidade da dimensão afetiva, que está emaranhada no existir humano, é afetada devido às

perdas cognitivas dentro do quadro de Alzheimer. A dimensão afetiva é algo que fica no sujeito, marcando-o, que leva consigo as memórias com carga afetiva. Quando existe algum comprometimento neurológico, esta característica afetiva pode ser afetada, em que o sujeito pode não se lembrar de memórias importantes para ele.

Quando chega ao psicólogo, um idoso com Alzheimer - ou uma pessoa que está passando pela experiência da paixão amorosa - a postura terapêutica é reconhecer e validar aquilo que o sujeito consegue manifestar e acolher o idoso em sua angústia de perdas cada vez mais recorrentes. No momento em que o psicólogo reconhece o cliente, está de corpo e mente presente, validando a experiência que este está a dizer de seu processo de perda de memória, de sentidos e sentimentos, o que pode ser menos solitário e sofrido. O idoso, quando não possui um ambiente de abertura para mostrar-se, dizer e cultivar, é um terreno fértil para perder-se, desaparecer em si. Todo ser necessita de ser confirmado, ouvido pelo outro para projetar-se, ouvir a si mesmo enquanto fala com o outro para apropriar-se de si e não se perder em si mesmo. Depois da perda da fala é importante a presença física, cuidado e carinho das pessoas próximas ao idoso que já estará em um estágio de não poder ficar sozinho devido à falta de discernir o que pode lhe prejudicar e ao outro.

Recorrente é de não ser o idoso com Alzheimer que chegará ao profissional psicólogo, pois estes- como está esquecendo-se de suas experiências - passa por falhas de memórias, até mesmo de suas questões e sofrimentos existenciais. Devido à idade, ocorrem perdas motoras e de memória; o idoso necessita - em muitos casos - que sejam levados ou que solicitem atendimentos para eles por algum conhecido próximo, dificultando assim o acesso deste público com o psicólogo.

Quem é mais atingido pelas perdas que o Alzheimer provoca a níveis de prejuízos psicológicos são os cuidadores e pessoas próximas a este idoso. Os cuidados até mesmo com o corpo daquele idoso que antes não eram necessários e que fazem parte da nossa cultura, o cuidado individual de si como tomar um banho e realizar necessidades ao banheiro, faz grande impacto de desconstrução para aqueles que a vivencia. São estes que ficam com o idoso, em muitos casos são os familiares que sofrem com estas mudanças e deixam seus afazeres para dedicar a este que necessita.

Tanto na vivência de Alzheimer, dos cuidadores e na paixão amorosa o psicólogo irá acolher o sujeito em seu momento de angústia, de cansaço, fadiga de sua existência. Confirmar aquela experiência que o sujeito está passando de desaparecer ou esquecer de si, entendendo como momento de modificação e novos sentidos sendo construídos devido às transformações

de seu próprio ser que está sempre se realizando. O psicólogo deve estar presente no -aqui-e- agora com seu cliente para que seja possível que este o faça também.

Quando o sujeito se der conta do desaparecer de si, que apresenta as mais variáveis formas, quando sente que este esquecer-se de si está lhe prejudicando, trazendo-lhe danos diversos, físicos, mentais e sociais, é assim que a pessoa chega ao profissional psicólogo. O desaparecer de si é um mecanismo utilizado por todos os seres em busca de uma pausa na realização de uma postura de abertura sobre o mundo e quando permanece distante de si o mesmo adoece.

O psicólogo deve cuidar e compreender o seu desaparecimento de si para poder assim não se misturar, borrar no desaparecimento do outro que se manifesta, compreendendo este fenômeno e podendo assim ajudar o outro. Ele observará como a pessoa tece suas vivências e como está utilizando os recursos psicológicos que obtém. Deve estar atento também à apreensão de como o fenômeno do desaparecer de si se manifesta em cada ser. Buscar entender o porquê deste distanciamento de si mesmo quando este está constante e trazendo distanciamento social. Na psicoterapia é possível encontrar novos sentidos deste desaparecer de si na perceptiva de se ouvir novamente, não deixando somente os pensamentos formarem, mas reorganizá-los através da fala e dando sentido àquela vivência do desaparecer de si.

A postura de abertura do psicólogo é meio fundante para o ser apresentar seu distanciamento de si, suas perdas e angústias, entre outros sofrimentos existências. A psicoterapia propicia maior aproximação e compreensão dos sentidos de suas vivências e experiências, possibilitando assim novas formas de ser-no-mundo. Produzindo sentidos, o viver é sustentado.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **As relações de amor em psicoterapia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**: e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER. **Intervenção psicológica no idoso**. Rio Grande do Sul, Dezembro, 2019. Disponível em: <<http://abraz.org.br/2020/2019/12/20/intervencao-psicologica-no-idoso/>>. Acesso em 16 abr. 2020.

- BISHOP, Elizabeth. **Uma Arte**. Goiás, 2016. Disponível em: <<https://www.portaltraizes.com/a-arte-de-perder-por-elizabeth-bishop/>>. Acesso em 05 mai. 2020.
- CELICH, Kátia Lílian Sedrex; BATISTELLA, Maribel. **Ser Cuidador Familiar do Portador de Doença de Alzheimer: Vivências e Sentimentos Desvelados**. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim- RS, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/9821/6732>>. Acesso em: 6 abr. 2020.
- COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves. **Autenticidade e Corporeidade na obra de Edith Stein**. 2018. 252 f. Tese de doutorado (Doutorado em ciências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-21122018-192254/publico/Tese_Achilles_Coelho_2018.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- EVANGELISTA, Paulo. **Paixão e sentido na clínica fenomenológico-existencial**. Palestra proferida no Espaço Sabina Cultural, Sorocaba/SP, 2010. Disponível em: <http://fenoegrupos.com.br/JPM-Article3/pdfs/Evangelista_paixao.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2020.
- GIOVANETTI, José Paulo. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia Clínica**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2018. 158p.
- LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- ROEHE, Marcelo Vial. **Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia**. Rio Grande do Sul: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200004>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- ROMERO, Emilio. **Entre a Alegria e o Desespero Humano: Sobre os Estados de Ânimo**. São Paulo: Della Bídia Editora, 2016.
- SIROIS, Michèle. **Atualizações sobre o Alzheimer**. Colaboradora do Instituto universitário de Geriatria de Montreal, 2016. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/atualizacoes-sobre-o-alzheimer/>>. Acesso em: 2 abr. 2020.